



indígena, africana e européia. Por outro lado, também destacam-se as restrições a outro número de espécies consideradas tóxicas. Neste sentido deve-se elucidar a relatividade dessas duas propriedades: medicinal e tóxica. O reconhecimento da importância do registro dessas plantas tem início com os cronistas no princípio da colonização, porém a primeira obra de real valor científico trata-se das publicações de Guilherme Piso, médico e naturalista de governo holandês do Conde Maurício de Nassau e George Marcgrave seu colaborador. Considerando a importância desses registros, este trabalho teve por objetivo atualizar a identificação das plantas medicinais e tóxicas evidenciadas pelos autores, bem como elaborar um "checklist" com os nomes indígenas, hábitos e as partes indicadas como medicinais e/ou tóxicas. Realizou-se a revisão na publicação brasileira, datada de 1957, referente a Segunda edição da obra de Piso (1658). O "checklist" elaborado seguiu a classificação proposta por Cronquist (1981). A grafia e autoria das espécies foram verificadas através de Brummitt & Powell (1992) e atualização dos nomes científicos das espécies foi realizada a partir de bibliografia especializada. Destacou-se 156 espécies entre medicinais e/ou tóxicas. Dessas tem-se um Basidiomycotina, uma Phaeophyta, três Pteridophyta e 151 Magnoliopsida. Nesse contexto, 134 apresentaram uso medicinal, 13 eram consideradas tóxicas e nove tóxicas e medicinais. As plantas medicinais eram citadas para tratamento de problemas renais gástricos, dermatológicos, urinários e outros fins. Com relação as plantas medicinais, os órgãos vegetais mais utilizados foram as folhas (34,26%), seguida pelos frutos (25,87%) e raízes (23,77%). O fruto é destaque para as plantas tóxicas com 45,45%.

0410 - ESPÉCIES DA CAATINGA DE PERNAMBUCO COM VALOR ETNOBOTÂNICO. Lima, Valdelice Correia¹; Pereira, Rita de Cássia Araújo¹; Ferraz, Eduardo Barbosa¹. ¹ Pesquisador IPA/Herbário - IPA. (valdelic@ipa.br).

A caatinga, no estado de Pernambuco, está presente em cerca de 80% da sua área, com predominância de vegetação xerófila de porte médio a baixo, ocorrendo espécies áfilas e caducifólias. Esse ecossistema apresenta uma gama de espécies com potencialidades às mais diversas, representando um recurso vital para as populações locais. Inúmeras das suas plantas são exploradas pelas comunidades de forma extrativista como medicinais, madeiras, lenha e forrageiras entre outras. Este trabalho resulta de uma coletânea de dados, obtidos através de inúmeras viagens realizadas pelas caatingas do estado de Pernambuco, através das quais selecionou-se dez espécies de grande relevância para o sertanejo. Essas plantas têm sido utilizadas de maneira secular pelo homem do semi-árido, buscando atenuar os seus problemas principalmente em relação à fome e as doenças, utilizando os recursos da própria terra. Das espécies selecionadas: imbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arr. Cam.), juazeiro (*Zizyphus joazeiro* Mart.), alecrim (*Lippia sidoides* Cham.), quipá (*Opuntia inamoena* K. Schum.), cumaru (*Amburana cearensis* A. C. Smith.), pau ferro (*Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tull.), ouricuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.), faveleira (*Cnidocolos phyllacanthus* Pax. et Hoffm.), aroeira (*Myracrodum urundeuva* Fr. All.) e quixabeira (*Syderoxilum obtusifolium* (Roem. & Schult) Penn.), são apresentados dados sobre identificação botânica, importância econômica e suas relações étnicas locais.

0411 - PLANTAS OCORRENTES NO CAMPUS DA UFPE: UMA INDICAÇÃO ECONÔMICA PARA O PAISAGISMO URBANO. Albuquerque, Rodrigo Gomes de¹; Barreto, Roxana Cardoso². ¹ Aluno de Graduação no Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Botânica, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco; ² Professora do Departamento de Botânica, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco.

No campus da Universidade Federal de Pernambuco, foram encontradas várias espécies consideradas infestantes que apresentam valor ornamental ainda não reconhecido e que podem ser utilizadas no paisagismo de áreas urbanas. Algumas destas foram escolhidas para serem observadas e cultivadas com o objetivo de serem indicadas como ornamentais. As espécies selecionadas foram coletadas e fotografadas no campus universitário, analisadas em laboratório, herborizadas e incorporadas ao acervo do Herbário Geraldo Mariz - UFP, onde os demais exemplares herborizados de cada espécie foram relacionados para registro das respectivas áreas de ocorrência. Considerando a viabilidade de seu cultivo, doze espécies são propostas: *Althernanthera philoxeroides* (Mart.) Griseb. (Amaranthaceae), *Althernanthera tenella* (Amaranthaceae), *Borreria verticillata* (L.) G. F. W. Mey (Rubiaceae), *Chamaesyce hirta* (L.) Millsp. (Euphorbiaceae), *Cipura paludosa* Aubl. (Iridaceae), *Commelina diffusa* Burm. f. (Commelinaceae), *Heliotropium procumbens* Miller (Boraginaceae), *Indigofera hirsuta* L. (Fabaceae), *Oxalis sepium* St. Hill. (Oxalidaceae), *Richardia grandiflora* (Cham. & Schlecht.) Stendel (Rubiaceae), *Sida rhombifolia* L. (Malvaceae), *Tridax procumbens* L. (Asteraceae). Apresentam-se descrições resumidas, relação do material herborizado analisado, comentários e ilustrações das espécies. Propõe-se a utilização das espécies escolhidas como medida de economia dos custos na compra de mudas para a elaboração de projetos paisagísticos e de sua manutenção.

0412 - UTILIZAÇÃO DA MACRÓFITA *Egeria densa* PLANCHON (HYDROCHARITACEAE) COMO ADUBO ORGÂNICO. Oliveira, Nadja M. B.¹; Sampaio, Everardo V. S. B.²; Pereira, Sonia M. B.³. ¹ Estagiária CHESF-FADURPE; ² Professor DEN/UFPE; ³ Professora DB/UFRPE. (esampaio@npd.ufpe.br).

A *Egeria densa* é uma macrófita aquática submersa que vem proliferando nos reservatórios do sistema Hidrelétrico de Paulo Afonso e Itaparica - BA, causando prejuízos na geração de energia, devido ao seu desprendimento e acúmulo nas grades de proteção das turbinas, de onde têm que ser retiradas periodicamente. Como parte de projeto de pesquisa sobre o manejo de *E. densa*, foi executado este trabalho visando testar o aproveitamento desta planta como adubo orgânico. O material foi colhido no reservatório de Paulo Afonso, seco e trazido para a UFRPE. Com ele, foi montado experimento em casa de vegetação, com dois plantios, cada um com duração de 45 dias, em potes com 4kg de solo arenoso proveniente de Paulo Afonso. Cada pote tinha três plantas de milho (São José BR-5026 IPA). Foram testados 9 tratamentos, com 4 repetições: 4 doses de *E. densa* (correspondentes a 10, 20, 30 e 40t.ha⁻¹); as mesmas 4 doses de esterco bovino; e uma testemunha. Aos 15, 20, 25, 30, 35, 40 e 45 dias após o plantio, foi medida a altura das plantas e na colheita medida a biomassa aérea. As plantas tratadas com 30 e 40t.ha⁻¹ de *E. densa* apresentaram as maiores alturas, atingindo até 1m. Também apresentaram biomassa significativamente maior que as tratadas com esterco (até o dobro) e as testemunhas (11 vezes mais). Tanto o efeito da *E. densa* quanto o do esterco foram crescentes com as doses, nos dois plantios (de 5 a 20g e de 4 a 22g por pote, nos plantios 1 e 2, nos tratamentos com 10 a 40t.ha⁻¹ de *E. densa*). Os resultados demonstram a eficiência da *E. densa* como adubo orgânico, sendo melhor que esterco. (Convênio CHESF-FADURPE).

0413 - PLANTAS DE CAATINGA COMERCIALIZADAS NO POLO ECONÔMICO JUAZEIRO-PETROLINA COMO ALTERNATIVA MEDICINAL. Lima, Paulo César Fernandes^{1,3}; Kiill, Lúcia Helena Piedade^{2,3}. ¹ Eng. Florestal; ² Biólogo; ³ Pesquisador Embrapa Semi-Árido. (pcflima@cpatsa.embrapa.br).



Face a procura e utilização de raízes, cascas, folhas e sementes de plantas na forma de chás, infusão, macerado e raizadas, pela população urbana e rural da região do Médio São Francisco, como alternativa na cura de doenças, e a preocupação crescente com a redução e o desaparecimento de plantas da caatinga, realizou-se no polo Juazeiro-Petrolina, levantamento das espécies mais comercializadas como medicinais. Foram visitadas, ao acaso, 10 quitandas em Juazeiro-BA e 12 em Petrolina-PE, levantando parte da planta comercializada, origem do material, fonte fornecedora, usos potenciais, preço, espécies mais procuradas e tempo em que o feirante comercializa esses produtos. O comércio é praticado há mais de 10 anos pela maioria dos feirantes, sem problemas de fiscalização. Foram listadas a comercialização de 92 espécies, em geral, sendo 96% pertencente ao bioma caatinga. Destas, Imburana de cheiro (*Amburana cearensis* - 91%), Aroeira (*Miracrodruon urundeuva* - 82%), Jatobá (*Hymenaea* sp - 77%), Quina-quina (*Coutarea hexandra* - 77%), Barbatimão (*Stryphnodendron coriaceum* - 68%), Ameixa (*Ximenia americana* - 68%), Papaconha (*Hybanthus calceolaria* - 64%), Pau-ferro (*Caesalpinia ferrea* - 64%), Mororó (*Bauhinia* sp - 59%) e Jurema Preta (*Mimosa* sp - 59%) foram as mais freqüentes, sendo Aroeira, Ameixa e Barbatimão as mais procuradas pela população. As cascas, raízes e folhas, trazidas por terceiros, são vendidas em maços de aproximadamente 50 a 200 g, ao preço de R\$0,50 a R\$ 4,00. As sementes são vendidas por unidade. Quanto a origem desses materiais, não se sabe com exatidão a procedência, sendo citadas as caatingas de Salgueiro, Ouricuri e Petrolina, em Pernambuco; Juazeiro do Norte e Missão Velha, no Ceará; e Jaguarari e Senhor do Bonfim, na Bahia. O manejo indevido dessas plantas, culminando com a retirada total e venda de cascas e raízes sem as devidas medidas de proteção e/ou reposição, levará ao desaparecimento destas espécies.

0414 - PROSPECÇÃO DE MADEIRAS DOS MUNICÍPIOS DE MUCAJÁ E CANTÁ-RR. Ferreira, Valéria Silva¹; Sousa, Ângela Maria Leite¹; Silva, Albanita de Jesus Rodrigues²; Ferreira, Audrey Nery Oliveira³. ¹ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas - UFRR; ² Professora do Depto. de Biologia/CCBS/UFRR; ³ Acadêmica do Curso de Agronomia - UFRR. (kayla2002br@yahoo.com.br).

A Amazônia Legal Brasileira representa um terço das florestas tropicais do mundo e produz 75% da madeira em tora do Brasil. Consta-se que, a perspectiva econômica confronta-se com o fato de que a exploração florestal na Amazônia, é feita de forma não manejada. Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de verificar a prospecção de espécies madeireiras dos municípios de Mucajá e Cantá. Os estudos realizados englobam investigações junto às madeireiras Nordeste e Trevo da cidade de Boa Vista; o material foi coletado destas empresas e conduzido ao laboratório de Biologia - DBIO - CCBS - UFRR, onde foram analisadas as características macroscópicas da madeira com auxílio de uma lupa de 10x, bem como a identificação botânica com base na literatura; sendo estes dados levantados no período de março de 2001 a fevereiro de 2002; o que para o primeiro momento temos uma fase diagnóstica do uso do potencial madeireiro no Estado, o trabalho inclui a organização de uma xiloteca e que foi encaminhada para o Herbário da UFRR. Assim apresenta-se as espécies identificadas comercialmente por estas madeireiras: *Hymenolobium pulcherrimum* Benth, *Himenea courbaril* L. *Simaruba amara* Aubl, *Manilkara amazônica* (Hulber) Chevalier, *Bagassa guianensis* Aubl., *Micropholis venulosa* (Mart & Eichel) Pierre, *Astromium lecointei* Ducke, *Goupia glabra* Aubl, *Nectandra rubra* (Mez) C. K. Suen, *Parkia pendula* Benth, *Aspidosperma desmathum* Benth. Ex Muell. Arg, *Hymenolobium excelsum* Benth, *Vatairea guianensis* Aubl, *Bowdichia virgiloides* Spruce, *Erisma uncinatum* Warm, *Ocotea rubra* Mez, *Pouteria pachycarpa* Pires, *Cedrella odorata* L. ,

Caryocar villosum (Aubl).Pers, *Carapa guianensis* Aubl. Foi evidenciado que a família mais representativa foi a Fabaceae.

0415 - ESTUDO ETNOECOLÓGICO DAS PLANTAS UTILIZADAS NO ARTESANATO RORAIMENSE. Ponchet, Elisângela Moura¹; Filho, Leonildo de Paula Farias¹; Silva, Albanita de Jesus Rodrigues². ¹ Acadêmica do curso de Ciências Biológicas - UFRR; ² Professora do Depto. de Biologia/CCBS/UFRR. (ponchet@osite.com.br).

● uso de plantas com a finalidade artesanal no estado de Roraima faz parte de um legado cultural dos povos indígenas, onde a comunidade Yanomami tem seu registro em nível nacional e internacional. Hoje, observa-se a inserção do trabalho em artesanato por parte do caboclo e povos nordestinos. Sendo assim, o presente trabalho objetivou contribuir para um melhor conhecimento do uso de plantas empregadas na prática artesanal em Roraima. Realizou-se um estudo etnoecológico e sócio-econômico do material botânico utilizado pelos artesãos, com a aplicação de questionários para o levantamento de informações, sobre o uso, produção, coleta, armazenamento e comercialização, junto a comunidade roraimense e outras. Detectou-se que as espécies trabalhadas são nativas e exóticas, sendo as mais representativas: Arecaceae: *Cocos nucifera* L. (coco), *Euterpe precatoria* var. *precatoria* Martius (açai), *Mauritia flexuosa* L. (buriti), *Oenocarpus bacaba* Martius (bacaba) e *O. bataua* var. *bataua* Martius (patauá); Asteraceae: *Helianthus annuus* L. (girassol); Anacardiaceae: *Anacardium occidentale* L. (caju) e *Mangifera indica* L. (manga); Bixaceae: *Bixa orellana* L. (urucum); Bombacaceae: *Pachira aquatica* Aubl. (munguba); Leguminosae: *Ormosia amazônica* Ducké (tento); Poaceae: *Bambusa vulgaris* L. (bambu); Lecythidaceae: *Lecythis pisonis* Camb. (castanha sapucaia) e *Bertholletia excelsa* H.B.K. (castanha do Pará); Xyridaceae: *Xyris* sp. A retratação da inspiração dos produtos tem o mesclado da criação nordestina associada com a indígena, este trabalho atende um grupo de artesãos com cerca de quarenta pessoas, que tem uma renda média de trezentos reais por mês. As partes das plantas mais utilizadas são brácteas, peças florais, frutos e sementes (estas com maior destaque), nasce então, uma preocupação de se integrar com os mesmos para que seja feito um banco de sementes com o fim de garantir a dispersão e perpetuação das espécies.

0416 - PLANTAS REGIONAIS NA CULINÁRIA RORAIMENSE. Martins, Natália dos Reis¹; Veras, Érica de Oliveira¹; Ponchet, Elisângela Moura¹; Silva, Albanita de Jesus Rodrigues². ¹ Acadêmica do curso de Ciências Biológicas - UFRR; ² Professora do Depto. de Biologia/CCBS/UFRR. (natalianicolini@yahoo.com.br).

O cultivo de frutíferas nativas na região amazônica começou com os aborígenes, quando nas proximidades de suas malocas cultivando algumas espécies frutíferas da floresta. Hoje a comercialização desses produtos é fato notório no Estado. O presente trabalho tem por objetivo de registrar as plantas mais destacadas no uso da culinária roraimense. Foi realizado estudo etnobotânico junto ao comércio de feira livre através da aplicação de um questionário e, o material botânico fértil foi coletado no município de Boa Vista; percebeu-se que as espécies mais representadas quanto ao uso sob a forma de suco são: *Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng) Schum (cupuaçu) da família Sterculiaceae; *Euterpe precatoria* Mart. (açai) , *Oenocarpus bacaba* Martius (bacaba) , *Mauritia flexuosa* L. (buriti) , *Oenocarpus bataua* Martius (patauá) estas da família Arecaceae, *Byrsonima crasifolia* (L.) Rich. (murici) da família Malpighiaceae. Quanto a forma de farinhas e outros se têm: *Manihot sculenta* (mandioca) da família Euphorbiaceae, *Bactris* sp. Kunth (pupunha) da família Arecaceae. A parte da planta mais utilizada é a polpa do fruto e a raiz; sendo com ocorrência